

### 3

## Metodologia de trabalho

Trabalharemos com dados que serão quantificados e depois analisados qualitativamente. A quantificação dos dados levará ao conhecimento da(s) estrutura(s) preferida(s) no caso específico da variação entre **por** e **para** na aceção de fim. A comparação cronológica dos resultados poderá indicar o rumo da mudança.

Para efetuar uma pesquisa com essas características é necessário:

1. observar-se a língua em funcionamento;
2. reconhecer que as línguas estão em constante mutação e;
3. considerar que a variação linguística pode redundar em mudança.

Procuraremos trabalhar levando em conta estes parâmetros, com apoio nas ideias divulgadas por Fernando Tarallo em duas obras básicas para este tipo de trabalho: *A pesquisa sociolinguística* (1986) e *Tempos linguísticos* (1990)<sup>20</sup>. Assim nossa pesquisa caminhará do presente para o passado e de volta para o presente, com base em *corpora* representativos.

A escolha por tal metodologia na análise dos dados deve-se ao fato de a teoria de Labov confirmar o vínculo indiscutível entre linguagem e sociedade, já percebido desde o surgimento da Sociolinguística. O objeto de estudo da Sociolinguística é a diversidade linguística, que se relaciona desde a identidade social do emissor, a identidade social do receptor, o contexto social até os estilos formal e informal, entre outros, e as atitudes linguísticas. Segundo o autor, a língua é o resultado de fenômenos sócio-variacionais, ou seja, teremos variações de natureza social como classe, idade, sexo, situação ou contexto social.

Às variações linguísticas relacionadas ao contexto chamamos de variações estilísticas ou registro. Portanto, a relação existente entre linguagem e sociedade permanece sendo uma questão central em qualquer campo de investigação linguística, seja ela uma pesquisa quantitativa ou qualitativa.

---

<sup>20</sup> Cf. Referências Bibliográficas.

Em *A pesquisa sociolinguística* (1986), obra introdutória, Tarallo expõe a doutrina básica da sociolinguística variacionista. Ressalta que a heterogeneidade da fala não é incompatível com a ideia de sistema. As variantes são as várias maneiras de se dizer uma mesma coisa. A variável é um conjunto de variantes. A mudança deve ser considerada como um processo de substituição e não como produto. Se A e B são variantes e B suplanta A, considera-se que B substituiu A. Conclui-se que mudança implica variação ou, em outras palavras, mudança é variação. É possível estudar-se a história das variantes. No caso do nosso estudo, estamos acompanhando uma mudança em progresso, focalizando etapas sucessivas da história do português.

Em *Tempos lingüísticos*, o autor aplica a metodologia da teoria da variação à história do português num percurso que vai do presente para o passado com retorno ao presente. Tratando-se de material não gravado, proveniente de épocas distanciadas no tempo, torna-se necessário recorrer a textos que, na medida do possível se aproximem da língua falada. Um recurso importante para conhecer-se a variante padrão e a(s) estigmatizada(s) está em gramáticas e outros trabalhos de cunho normativo. No caso do latim isso é possível. Com referência a textos do português anteriores ao século XVI não se pode contar com esse tipo de recurso.

Admitimos, em princípio, no nosso trabalho, que as variantes em estudo fossem acolhidas na língua padrão, visto que não contamos com nenhum indício de estigmatização de nenhuma delas. É bom lembrar que a primeira gramática da língua portuguesa é a de Fernão de Oliveira, de 1536, logo seguida, em 1540, pela de João de Barros. Nenhuma das duas trata do assunto em pauta. Guiando-nos pelo desempenho linguístico desses autores, apenas podemos notar que não destoam do observado nos textos de seus contemporâneos. Já Duarte Nunes do Leão, na Regra X, da *Ortografia da língua portuguesa*, cuja primeira edição é de 1570, critica o mau uso das preposições **per** e **por** pelos seus contemporâneos que se afastam do modelo latino.

Com base, então, no exposto acima, selecionaremos em uma amostra de texto, todas as ocorrências do aspecto focalizado, no caso **por** e **para** com valor final que serão listadas e analisadas. Essa metodologia permitirá, num primeiro momento, a quantificação dos dados e seus percentuais de ocorrência. Num segundo momento, será possível comparar e analisar esses resultados, tirando as conclusões pertinentes à pesquisa proposta.

Ainda com esse propósito, seguiremos o percurso de Bomfim nos trabalhos de 1992, 2000 e em capítulo de livro no prelo, refletindo sobre os resultados das análises efetuadas e acrescentando investigação pessoal que possa vir a esclarecer, completar ou confirmar os pontos de vista daqueles textos.

No trabalho de 1992, Bomfim focaliza a concorrência entre **per** <per> e **por** <pro> que, em latim, regiam casos diferentes e pertenciam a campos semânticos diferentes, com pequenas interseções. Já em textos do latim bárbaro, as duas partículas se confundiam quer do ponto de vista sintático quer do semântico. A preposição **per**, já no latim, teve enfraquecida a ideia de direção, passando a ser reforçada por **ad**, o que resultou na forma **pera**, hoje **para**. Direção e finalidade são ideias afins, daí **pera** ter assumido esta acepção. Pode-se dizer que a finalidade é expressão, no nível nocional, da direção que se situa em primeira instância num nível mais concreto, o espacial. Por outro lado, uma das possíveis acepções de **por** <pro> é a de favorecimento, também compatível com a de finalidade. Não é, pois, de estranhar que num dado momento da história do português as duas construções sejam variantes.

Nos dois outros trabalhos, a autora acompanha o percurso das partículas em estudo expressando finalidade em *corpora* de textos dos séculos XIII ao XVII, com projeção para o emprego de **por** final em Machado de Assis (século XIX).

Desde já pretendemos estender a pesquisa a dados do século XVIII que não foram contemplados nos trabalhos citados. A seguir (3.1) teceremos considerações sobre o enfoque funcionalista, em que nossa análise contemplará a preposição **por** dentro dos enunciados, estando tal análise alinhada ao pensamento de Moura Neves e de Simon Dik. Em 3.2, apresentaremos resumidamente a proposta de periodização da língua portuguesa de Evanildo Bechara<sup>21</sup>, a qual serviu de apoio a este trabalho.

### 3.1

#### Breve notícia sobre o enfoque funcionalista

As bases para o desenvolvimento do pensamento linguístico funcional foram as teses de Praga resultantes do Primeiro Congresso Internacional de Linguística de Haia, em 1928.

---

<sup>21</sup> Cf. Referências Bibliográficas.

O Círculo Linguístico de Praga foi fundado em 1926 e contou com linguistas tchecos, russos, holandeses, franceses, todos bastante influentes como v. Mathesius, N. Trubetskoy, R. Jakobson, F. Danes, J. Firbas, J. Vachek, P. Sgall, Saussure, C. Bally, L. Tesnière, J. Firth, M. Halliday, S. Dik, E. Benveniste, A. Martinet, entre outros. Segundo Moura Neves (2004)<sup>22</sup>, é na Escola de Praga e na gramática funcional de Halliday e de Dik que o funcionalismo está mais representado. Moura Neves (2004:17) apresenta com propriedade a concepção dessa Escola:

Escola Linguística de Praga é a designação que se dá a um grupo de estudiosos que começou a atuar antes de 1930, para os quais a linguagem, acima de tudo, permite ao homem reação e referência à realidade extralinguística. As frases são vistas como unidades comunicativas que veiculam informações, ao mesmo tempo que estabelecem ligação com a situação de fala e com o próprio texto linguístico. Nesse sentido, o que se analisa são as frases efetivamente realizadas, para cuja interpretação se atribui especial importância ao contexto, tanto verbal como não-verbal.

O papel do funcionalismo está presente na importância da função das formas linguísticas, ou seja, na relação entre a língua como um todo e as diversas modalidades de interação social. Nesse sentido, o contexto desempenha função imprescindível na compreensão da natureza das línguas.

Na Escola de Praga defendeu-se a língua como fenômeno primariamente social, elevando a comunicação como fator básico para a análise pragmática da interação entre sistema e uso. A teoria funcionalista se dedica a observar como o falante obtém a comunicação com a língua natural e como procede a eficiência dessa comunicação. Sendo assim, a linguagem é instrumento de interação social através do uso da própria linguagem, isto é, a língua em si se impõe como instrumento de comunicação entre os diversos falantes de uma mesma língua.

O Círculo de Praga propôs-se a estender o método estrutural ao estudo histórico da língua, inaugurando, assim, o chamado estruturalismo diacrônico. A concepção de mudança linguística do Círculo de Praga inova tanto no que diz respeito ao estruturalismo saussureano quanto às posições da linguística histórica tradicional. Para aquela escola, as mudanças linguísticas frequentemente afetam o sistema e concorrem para sua estabilização ou para sua reconstrução. É

---

<sup>22</sup> Cf. Referências Bibliográficas.

imprescindível, portanto, que sejam levadas em conta no estudo diacrônico as noções de sistema e de função.

Na visão dos linguistas de Praga, a análise estrutural diacrônica não se opõe à sincronia a língua sincronicamente. Para essa corrente, as sistematizações da língua são estudadas dentro de manifestações concretas na própria comunicação, e não numa perspectiva abstrata, como objeto descontextualizado e voltado para as características internas de seus constituintes, como preconiza a visão formalista. As relações entre os constituintes de uma frase e seus significados, ou mesmo entre a língua e seu meio, são parte do que compreende uma “descrição gramatical” de um discurso voltado para o fornecimento de dados semânticos, pragmáticos e estilísticos.

É importante entendermos que, na verdade, existem diferentes modelos de funcionalismos, que são defendidos pelos mais conservadores, pelos moderados e pelos funcionalistas extremados. Bechara<sup>23</sup>, ao comentar sobre o assunto, salienta a complexidade de se definir tal corrente, de modo que “esse nome [funcionalista] vem servindo para rotular várias modalidades de descrição linguística e de aplicação pedagógica no estudo e ensino de línguas”.

Moura Neves (2004) diz que, segundo Nichols, o funcionalismo conservador apenas critica e aponta falhas do formalismo ou estruturalismo, sem propor uma análise da estrutura. O tipo moderado, aponta as falhas do formalismo, mas sugere uma análise funcionalista da estrutura. Por sua vez, o funcionalismo extremado nega a estrutura da linguagem por si só, com restrições sintáticas, admitindo a gramática como o discurso, com regras baseadas apenas na função. Não buscamos, neste trabalho, defender um ou outro modelo de funcionalismo, mas apenas esclarecer que é preciso situar-se nas diferenças de linhas de pensamento e seus respectivos defensores.

Neves (2000:19) observa que as preposições “se deixam analisar, privilegiadamente no sistema de transitividade, que é o que define as relações semânticas na oração (...).” Os empregos de **para** e **por** que pretendemos estudar estão circunscritos à noção de finalidade e estão fora do sistema da transitividade, estabelecendo apenas uma relação semântica, já que não introduzem argumentos.

---

<sup>23</sup> Cf. Referências Bibliográficas.

Essa posição tem pontos de contato com o funcionalismo de Simon Dik. Este autor colocou a gramática funcional na teoria geral da sistematicidade da linguagem. Para ele, uso e sistema da língua se distinguem, mas não podem prescindir um do outro. Do ponto de vista de Dik, uma gramática funcional deve apresentar adequação tipológica, pragmática e psicológica. Assim, espera-se que sejam levadas em conta tanto a produção quanto a compreensão, e todos os itens lexicais de uma língua têm de ser analisados dentro da predicação<sup>24</sup>. Como afirma Santos<sup>25</sup> sobre o autor - em sua tese de doutorado voltada ao estudo da função do verbo ser no discurso, onde aponta a visão sistêmico-funcionalista -, a interação verbal é construída em torno de expressões linguísticas que se organizam em uma estrutura de predicado com todas aquelas adequações supracitadas pertencentes a uma gramática funcional.

Por fim, vale lembrar também que a gramática funcional não opõe sincronia a diacronia. Se a língua em funcionamento está sempre a serviço dos usuários, conseqüentemente também está sempre em adaptação. Essa adaptação é lenta e progressiva. Formas novas convivem com formas antigas, enquanto estas não caem em desuso. Esse aspecto será da maior importância para o estudo que pretendemos empreender. Do ponto de vista semântico, o uso desgasta e enfraquece o sentido dos vocábulos, dando margem à utilização de reforços ou ainda à especificação semântica de elementos ambíguos.

### 3.2

#### **Periodização da língua portuguesa**

Os objetivos deste trabalho tornam imprescindível que seja levada em conta uma periodização das fases da história do português. Os estudiosos apresentaram propostas de periodização com base em marcos históricos ou literários. Optamos pela proposta de Evanildo Bechara(1985)<sup>26</sup> que toma por base fatos linguísticos distintivos de cada fase. Convém lembrar que, sendo a língua um *continuum*, as alterações não acontecem bruscamente. Vamos encontrar fatos

---

<sup>24</sup> Cf Neves (2004: 74 e egs.)

<sup>25</sup> Cf. Referências Bibliográficas.

<sup>26</sup> Cf. Referências Bibliográficas.

característicos de uma etapa na que se segue, principalmente se acompanharmos as mudanças século a século.

Bechara propõe quatro períodos históricos do português:

1. Arcaico (do século XIII ao XIV inclusive);
2. Arcaico médio (do século XV à primeira metade do XVI);
3. Moderno (da segunda metade do século XVI até o final do XVII);
4. Contemporâneo (do século XVIII à atualidade).

Os fatos linguísticos balizadores das diversas etapas históricas do português, propostas pelo autor, não incluem o aspecto que estamos focalizando. Entre os fatos linguísticos característicos do português contemporâneo está “a contaminação dos empregos das preposições **per** e **por** na forma única **por**”<sup>27</sup>.

Essa observação confirma que a preposição **por** já era absoluta no português contemporâneo com seus valores iniciais na língua acrescidos dos de **per**.

As construções que motivaram esta pesquisa estão inseridas no português contemporâneo, sobretudo no século XIX. Um percurso retroativo pelas fases anteriores do português se faz necessário na orientação deste trabalho para que se possa responder à questão “como, quando e em que circunstâncias **por** e **porque** deixaram de ser usados com valor causal?”

---

<sup>27</sup> Op. cit., p. 68.